

CAMINHADA E MNEMOSYNE – uma experiência pelo selvático de Roma

VALENTINA MACHADO¹; EDUARDO ROCHA²

¹PROGRAU – UFPEL – valentina.rigon.machado@gmail.com

²PROGRAU – UFPEL – amigodudu@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho aborda a prática da caminhada como instrumento de apreensão da cidade, buscando a aproximação entre o aporte teórico e a formação do corpo de pesquisadora-cartógrafa. O procedimento se insere dentro da pesquisa desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFPEL – ***O Arroio, a rua, o verde, a vida: uma cartografia das bordas – aproximações entre meio social e meio natural no Arroio Pepino***, que pretende através do método da cartografia (DELEUZE; GUATTARI, 1995) investigar o espaço público das bordas de um arroio urbano na cidade de Pelotas.

Definido o ato de caminhar como procedimento, a pesquisa se vale dos conceitos de CARERI (2013) e BONDIA (2002) apontando o caminhar como experiência, e seguindo o que PASSOS, KASTRUP; TEDESCO (2014) definem como a pista da formação do cartógrafo: o caminho da pesquisa se faz nos efeitos do campo em nós.

Caminhar traçando uma linha de fuga, linhas de um rizoma (DELEUZE; GUATTARI, 1995) que pode fugir, confundir, cortar caminho. As linhas de fuga são aquelas que escapam, fazem contato com outras raízes, seguem outras direções, são linhas de intensidade. Em busca de outras direções e intensidades partimos rumo a outros territórios, interessados na experimentação prática do caminhar aliada à construção de um atlas imagético. Com o propósito de reconstruir a experiência enfatizando lugares e afectos sentidos no território percorrido, utilizou-se o método “Atlas Mnemosyne” (DIDI-HUBERMAN, 2009; WARBURG, 2010).

A experiência vivida durante a participação dos pesquisadores no curso *Master Studi del Territorio - Environmental Humanities*, mestrado da Universidade Roma Tre, consistiu em acompanhar o grupo Stalker em uma de suas caminhadas pelas frestas da cidade explorando o território selvático de Roma leste. A busca pela experiência em Roma se justifica pela oportunidade de aprendizado junto ao grupo, partindo da premissa que o aprendizado que nos forma se faz sempre por inscrição corporal, e não apenas por adesão teórica (PASSOS, KASTRUP; ESCOSSIA, 2009).

O objetivo deste trabalho é apresentar o acontecimento (a caminhada) e os resultados desta exploração (o atlas de imagens), que traz subsídios para a caminhada pelas bordas do arroio urbano na cidade de Pelotas.

2. METODOLOGIA

A partir da utilização do método da cartografia como força diretriz da pesquisa se propõe:

Fazer a cartografia a partir da experiência itinerante, como forma de compreensão e apreensão da cidade (PASSOS, KASTRUP e ESCOSSIA, 2009).

A experiência compartilhada consiste em caminhar, perder tempo para ganhar espaço (CARERI, 2013), reinventar criativamente as relações com os lugares, consistindo em uma oportunidade de ativar processos de identificação e valorização do território, incentivando os encontros.

Caminhamos durante dois dias atravessando os lugares de natureza selvática do leste de Roma (Figura 01). O primeiro encontro aconteceu na manhã do dia 07 de maio na Porta Maggiore e se estendeu até o fim da tarde chegando até a estação Palmiro Togliatti. No dia 08 o grupo de estudantes, professores e pesquisadores se reuniu no ponto de parada do dia anterior, Estação Togliatti, e rumou erraticamente por várias horas até as pedreiras de Salone, um lugar de mistério e fascínio, cheio de história e conflito, descobrindo e experienciando o "selvático".



Figura 01: Caminhada pela natureza selvática em Roma. Fonte: Autores, 2019.

Entender e cuidar da natureza no leste de Roma significa prosseguir lentamente "porque todo tempo perdido é um espaço redescoberto", como ensina Stalker / Osservatorio Nomade. Exploramos lugares indefinidos onde a diversidade transborda e onde vivem espécies de animais e plantas que não encontram espaço em outro lugar, conforme o Manifesto da Terceira Paisagem (CLÈMENT, 2007).

Além da experiência nos interstícios da Roma selvática foram propostas duas oficinas (Figura 02) para a montagem do "Atlas de imagens da natureza selvática no leste de Roma" uma narrativa visual produzida de acordo com o método de Aby Warburg como forma de documentar o percurso da caminhada.



Figura 02: Oficinas Mnemosyne. Fonte: Autores, 2019.

O "Atlas Mnemosyne" proposto por Aby Warburg, confeccionado entre os anos 1924 e 1929, reunia uma coleção de imagens da arte que eram constantemente montados e desmontados provocando a memória e o inconsciente, e segundo DIDI-HUBERMAN (2009) é para qualquer historiador da arte e artista contemporâneo uma obra de referência.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Importa trazer ao debate o sentido e o valor da experiência como condição dos processos (trans)formadores, sendo

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (BONDÍA, 2002).

Essa experiência urbana deixa marcas e fica gravada no corpo de quem vivencia, um processo que territorializa, desterritorializa e reterritorializa (DELEUZE; GUATTARI, 1995) o sujeito da experiência que se torna o próprio lugar do acontecimento.

O ato de caminhar é processo e resultado, o pesquisador vai a campo e move-se com ele, afeta e é afetado. A formação do corpo de pesquisador-cartógrafo se faz de maneira experimental e progressiva, ele nasce com os acontecimentos.

Com isso se adquire o saber da experiência (BONDIA, 2002) que se mostra potente por propiciar a montagem de mapas de intensidades, gerando uma cartografia diversa com referentes extraídos da experimentação, um mapa dos *affectos* que se faz possível olhando a cidade além da questão funcional, a partir de uma vivência real.

Como fechamento da experiência que envolveu caminhadas, palestras e oficinas, foi organizada uma exposição das imagens (Figura 03) integrantes do Atlas no Parque EX-SNIA, um dos locais de natureza selvática no leste de Roma por onde passou o grupo de estudantes, professores e pesquisadores.



Figura 03: Exposição "Atlas para imagens da natureza no leste de Roma".
Fonte: Fulvia Bernacca, 2019.

O emprego do método de WARBURG (2010) permite distintas leituras acerca da narrativa, o Atlas se constitui como uma forma de conhecimento visual (DIDI-HUBERMAN, 2009) que vincula elementos díspares formando um todo onde o espectador é quem vai conectar as relações entre as imagens existentes.

Para DIDI-HUBERMAN (2009) o Mnemosyne delega na montagem a capacidade de produzir, através do encontro das imagens, um conhecimento.

4. CONCLUSÕES

A experiência vivida nos permite delinear pistas que indicam a caminhada e suas narrativas como uma possibilidade de ação estética e política que colabora para ressignificar espaços e que age como instrumento para subverter a percepção do arquiteto sobre a cidade.

Que cidade vislumbramos durante nossa caminhada? Esta e outras questões afloram durante o percurso, e trazemos o pensamento de CLEMENT

(2007) que nos indica ser urgente construir uma outra cultura da paisagem, privilegiando a observação e os movimentos da natureza em sua relação com o homem, refletindo sobre o desenvolvimento da cidade contemporânea e a necessidade de preservar esta cidade selvática.

Utilizar o “atlas Mnemosyne” para criar uma narrativa da experiência retoma a proposta de pensar a cidade através de diferentes modos (JACQUES; PEREIRA, 2018) onde o modo de *pensar por atlas* permite essa leitura diversa que exercita outro pensamento sobre o urbanismo abordando descontinuidades, desvios, rupturas, multiplicidades, similaridades e dissonâncias a partir de relações entre imagens. Conforme aponta TREVISAN (2018) o atlas warburgiano objetiva possibilitar narrativas e se configura como um aparelho de leitura, uma máquina do saber, um modo de ler o mundo através de narrativas imagéticas.

A vivência de todo este processo manteve nosso corpo aberto à experimentações sendo ultrapassado por linhas de intensidade que nos atravessam, nos formam e nos modificam. As conexões se multiplicam e a intensidade também, temos a chance de criar novos sentidos, micro-conexões que se difundem, se diluem, se confundem, se alastram.

Procuramos com a experiência ativar o potencial de ser afetado e educar os sentidos fazendo com que o corpo do pesquisador-cartografo seja produzido junto com a pesquisa.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BONDIA, J.L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, 2002.

CARERI, F. **Walkscapes: o caminhar como prática estética**. São Paulo: Editora Gustavo Gili, 2013.

CLÈMENT, G. **Manifiesto del tercer paisaje**. Barcelona: Editora Gustavo Gili, 2007.

DIDI-HUBERMAN, G. **La imagen superviviente. Historia del arte y tempo de los fantasmas segun Aby Warburg**. Madri: Abada Editores, 2009.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Editora 34, 1995.

PASSOS, E; KASTRUP, V; ESCÓSSIA, L.(Orgs.). **Pistas do Método da Cartografia: Pesquisa-intervenção e Produção de Subjetividade**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2009.

PASSOS, E; KASTRUP, V; TEDESCO, S. (Orgs.) **Pistas do Método da Cartografia: A experiência da pesquisa e o plano comum**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2014.

TREVISAN, R. Pensar por Atlas. In: JACQUES, P.B; PEREIRA, M.S. (Orgs.). **Nebulosas do Pensamento Urbanístico – Modos de Pensar**. Salvador: EDUFBA, 2018. Cap.2, p. 49-69.

WARBURG, A. **Atlas Mnemosyne**. Madri: Ediciones Akal, 2010.